

DIÁLOGOS REGISTRADOS ENTRE UM “SOCIOLOGO” E UM “HISTORIADOR”

Resenha do livro:

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

Por: Ilsa do Carmo Vieira Goulart¹

Universidade Estadual de Campinas - FE/UNICAMP

A obra intitulada “O sociólogo e o historiador” trata-se da reprodução de uma série de cinco entrevistas gravadas pela estação de rádio *France Culture* integrada à rede pública *Radio France*, num programa denominado *À voix nue*, que ocorreu no ano de 1998 na França. Neste programa Roger Chartier, na posição de o “historiador”, recebe Pierre Bourdieu, o “sociólogo”, para um diálogo.

O livro está dividido em cinco capítulos, os quais não discorrem sobre temas ou assuntos sequenciados, mas referem-se à transcrição correspondente a cada entrevista realizada no programa. O texto mostra-se um tanto provocativo em relação aos embates desencadeados pelas diferentes perspectivas de análise temáticas e teóricas entre as duas áreas de conhecimento: a sociologia e a história.

Por reproduzem discussões ou pronunciamentos que retratam contextos referentes ao ano de 1988 ou às publicações (anteriores) de Pierre Bourdieu, no prefácio, que recebe a mesma titulação do programa radiofônico *À voix nue*, Roger Chartier contextualiza diferentes circunstâncias sociais, intelectuais e históricas próprias desta época na França.

Assim destaca que neste período a obra de Bourdieu, *La Distinction*, publicada em 1979, havia sido alvo de constantes críticas por parte de alguns historiadores, em decorrência da interpretação ou compreensão que faziam do livro. Essa emblemática na interlocução mostrava que “o historiador, assim como o sociólogo, deveriam entender as lutas de classes (se é que elas poderiam ser separadas) e que as representações abordadas do mundo social, além de produzi-lo, acabavam por ser sua expressão” (p. 8).

Chartier destaca, ainda, que para melhor compreensão das entrevistas os historiadores, deste período, deveriam ser lembrados a partir de três fatores: o primeiro de que a história continuava como uma disciplina de maior recorrência do público acadêmico “a mais bem visível de todas as ciências sociais” (p.10). Algumas obras chegavam a ser consideradas verdadeiros *best sellers*, não somente pelos autores de grande reconhecimento intelectual, mas pelo empreendimento das pesquisas comportando número alto de volumes e a aceitação no mercado editorial, não apenas na França, mas também em outros países.

Outro de que começa um movimento de distanciamento dos historiadores franceses dos princípios de análise que predomina dos *Annales*, cuja preferência dava-se pelas “fontes maciças, seu tratamento quantitativo e a constituição de séries” (p.11). Em terceiro pela iniciação de um questionamento que a história passa a realizar em relação a si mesma.

Desta forma, as entrevista procuram situar um momento da relação entre Bourdieu com a própria história e com os historiadores, direcionadas por enunciados que ora criticam, de forma perspicaz, um posicionamento generalizante indevido de categorias de análise e um questionamento intenso sobre a construção social e histórica das classificações consideradas por ele como *objets naturels*; pronunciamentos que ora

reconhecem e respeitam os trabalhos de determinados historiadores franceses e estrangeiros.

O primeiro capítulo, denominado *O ofício de sociólogo*, marca-se pela discursividade conceitual sobre sociologia, em que Chartier privilegia questões que possibilitem uma argumentação de Bourdieu a respeito de uma definição para a sociologia, de como poderia ser entendida a função de um sociólogo e o que acarretaria a esta profissão frente a outras disciplinas.

Nesta confabulação, Bourdieu compartilha que, em suas conferências, ao falar para pessoas que não possuem a titulação de sociólogos, utiliza-se de duas estratégias para compor seu discurso: uma que consiste em “apresentar a sociologia como uma disciplina acadêmica, como se estivesse abordando a história ou a filosofia”, outra que se refere ao ato de “exercer o efeito específico da sociologia, isto é, tento colocar meus ouvintes em situação de autoanálise” (p.16).

Neste percurso, de definição Bourdieu ressalta que um aspecto que diferencia a sociologia da história, trata-se de que a história ao narrar fatos ou situações, já outrora ocorridos, a aceitação é notória e até tida como descobertas valorosas, porque a “distância temporal” possui função neutralizante dos fatos, ao passo que se o sociólogo apresentasse situações que ocorrem em diferentes segmentos sociais com documentos comprobatórios dos fatos, seria considerado em “relator” escrupuloso. Isto porque, “no caso da sociologia estamos sempre em terrenos candentes; além disso, as coisas que debatemos estão vivas, e não mortas, nem enterradas” (p.18).

No segundo capítulo, *Ilusões e conhecimento*, Chartier e Bourdieu comentam sobre os mecanismos de dominação, sobre a predominância de determinados discursos tidos como “verdades”, dos “mecanismos simbólicos de dominação”, de um discurso sociológico gerado em um espaço social, num campo científico em que há lutas e disputas. Travando com isso um diálogo efervescente de explanações de ideias em que, Bourdieu, defende um papel possível para a sociologia frente a tal dominação simbólica, assim “creio que a sociologia – de qualquer maneira, tal como a concebo – produz, por um lado, mecanismos de autodefesa contra a agressão simbólica, contra a manipulação simbólica, ou seja, essencialmente contra os produtores profissionais de discurso” (p. 38).

Em *Estruturas e indivíduos*, terceiro capítulo, os autores exploram a temática da estruturação *objetivista* e *subjetivista* na pesquisa. Bourdieu discute que ao tomar por objeto de pesquisa “uma coisa verdadeiramente particular que é o homem” deve ser considerada sua dupla realidade. Se por um lado, a análise sociológica conta com dados objetivos – o que pode ser pesado, avaliado, quantificado – por outro, deparar-se com as representações, com os discursos, com a subjetividade. O autor considera que cada indivíduo tem um ponto de vista, por estar situado em um determinado espaço social, o sujeito vê a partir deste ponto. Assim, ele complementa que a relação entre o indivíduo e a sociedade pode ser compreendida ao se considerar estes dois aspectos.

Bourdieu também explora a ideia de que a disposição ao objetivismo ou ao subjetivismo varia de acordo com o objeto e de acordo com a relação que o sujeito irá estabelecer com este objeto.

As discussões ganham certa amplitude ao discorrem a respeito do processo pelo qual os indivíduos interiorizam estruturas do mundo social, assim em *Habitus e campo* - quarto capítulo – torna-se um momento em que os autores procuram descrever primeiramente o conceito de *habitus*, para em seguida explorarem a noção de *campo*.

Em sua argumentação Bourdieu mostra que o não se trata de uma noção recente, mas de uma concepção antiga, que remonta a Aristóteles, passando por São Tomás, entre outros. O autor esclarece que “*habitus* não é um destino (...) contrariamente às afirmações

que me são atribuídas, é na relação com determinada situação que o *habitus* produz algo...” (p.62).

O autor chama a atenção ao fato de que, para se compreender a noção de *habitus*, torna-se relevante ressaltar que os agentes possuem uma historicidade por serem o resultado de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio, além de serem produto de uma coletividade, ou seja, os agentes se constituem de particularidades e singularidades linguísticas, cognitivas, morais, sociais, afetivas ou comportamentais, referem-se a “produtos de uma incorporação de estruturas sociais” (p.58).

O conceito de *campo* é apresentado no quinto capítulo ao falar sobre *Manet, Flaubert e Michelet*, e a partir de comentários sobre a produção destes autores, Bourdieu explica que o campo científico luta a propósito da legitimidade, descreve-o semelhante a um jogo, sob a perspectiva de que “é necessário existir um jogo e uma regra do jogo prático (...). No entanto, uma das principais diferenças é que o campo é um lugar em que há uma lei fundamental, várias regras, mas nenhum nomóteta, nenhuma instância e nenhuma federação – tal como o esporte – para enunciar as regras.” (p.73).

Desta forma, os autores discutem sobre a estruturação do campo científico, o acúmulo de um capital cultural, a constituição do campo da sociologia, como também a articulação da linguagem, visto que “talvez tenha sentido procurar compreender o tipo de discurso mediante o qual podem ser visados objetos, em seguida, serão constituídos como objetos próprios de um campo científico, no caso concreto, sociológico” (p. 75).

Por fim, o posfácio traz a transcrição de um debate realizado em 2003, a convite do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, durante o qual Roger Chartier dialoga com José Sérgio Leite Lopes, entre outros professores, norteadas por uma discussão, análise e reflexão que toma como centralidade algumas obras de Bourdieu.

A leitura desta obra exige uma compreensão do seu contexto de produção, por se tratar de um texto escrito e articulado a partir da interlocução verbal – transcrições de entrevistas e debates – caracteriza-se por um movimento circular próprio da linguagem oral, marcado por repetições de ideias ou retomadas a temas de questões precedentes. Embora, explore uma discussão de conceitos complexos da obra de Bourdieu, o texto apresenta-se amenizado numa linguagem escrita desprovida de uma formatação dos padrões de um texto acadêmico. Por tratar-se de uma escrita fragmentada pela descontinuidade de uma discussão temática, a partir de respostas aos questionamentos realizados, o texto possibilita um movimento flexível e dinâmico na realização da leitura.

Seja por explorar um debate sob a centralidade de temas conceituais num campo sociológico, seja por apresentar um Bourdieu mais “jovial, bem humorado, irônico em relação aos outros” (p.7), a obra incita outras leituras, provoca uma necessidade de se aproximar e de se conhecer um pouco mais outras produções que explorem os conceitos ali apresentados, instiga uma compreensão mais apurada de um modo de pensar e de escrever de um sociólogo, Pierre Bourdieu, e da implicação e inserção dos conceitos, por ele defendidos, nas pesquisas acadêmicas que percorrem o campo da historicidade.

¹ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Integrante do Grupo de Pesquisa ALLE – Alfabetização. Leitura e Escrita.